

PROGRAMA

O Vazio na Mala

Programa · edição 2026

O Vazio na Mala
Culturas em Movimento · culturasemmovimento.com

Outubro de 2026

A peça

O que carregamos quando deixamos tudo para trás?

Inspirada na história real da família Jedwab, *O Vazio na Mala* nasceu da descoberta de documentos escondidos numa velha mala, intocada por décadas. No centro da narrativa há uma pergunta: o que resta dentro de uma família quando certas histórias deixam de ser contadas? A mala se torna mais do que um objeto: um arquivo simbólico de ausências, segredos e experiências que resistiram ao tempo.

Combinando teatro, música original, projeções e narrativa visual, o espetáculo cria uma experiência poética e carregada de emoção, onde a memória pessoal e a história coletiva se cruzam. Enraizado na diáspora judaica e na memória do Holocausto, alcança o universal: pertencimento, migração, sobrevivência e os legados invisíveis que passam de uma geração à outra.

O espetáculo tem 80 minutos, sem intervalo. É falado em português, com legendas em inglês e chinês simplificado.

Edição condensada (2026) do programa da temporada de estreia; os textos dos criadores são de 2024. O programa completo da temporada de estreia, em português, está em culturasemmovimento.com.

A história

São Paulo, 2005, véspera de Pessach. Esther Warshawski, 92 anos, nascida em Breslau, na Alemanha, vive com Ruth, sua cuidadora. A memória de Esther começa a falhar: o presente se mistura a um passado que ela nunca contou a ninguém.

O neto, Samuel, jornalista que cobriu guerras por vinte anos, acaba de deixar a profissão. Volta ao Brasil depois de duas décadas fora, cinco anos após a morte do pai, Franz. Franz reaparece nas lembranças de Esther e nas antigas conversas de radioamador entre pai e filho, um diálogo que nunca foi fácil.

No quarto dos fundos há uma mala de couro trancada a cadeado. A regra da casa é antiga: enquanto a avó estiver viva, ninguém abre a mala. Esther guarda a chave e o silêncio. Samuel volta com perguntas sem resposta sobre o pai.

A peça é uma ficção inspirada na história real da família Jedwab. Entre a mala trancada e a memória que se apaga, três gerações descobrem o que herdaram sem saber.

Personagens

- **Esther Warshawski**: a avó, nascida em Breslau. Guarda a mala e a chave.
- **Ruth**: a cuidadora de Esther, a única personagem que não é da família.
- **Samuel (Sami)**: o neto, jornalista, de volta ao Brasil.
- **Franz**: filho de Esther e pai de Samuel, presente na memória dos dois e nas conversas pelo rádio.

Elenco em turnê, 2026: Dinah Feldman, Noemi Marinho, Fábio Herford e Marcos Suchara.

Palavras da peça

- **Breslau**: nome alemão da cidade de Wrocław, hoje na Polônia. É a cidade de Esther e da família Jedwab.
- **Pessach**: a Páscoa judaica, que celebra a libertação dos hebreus da escravidão no Egito. A peça se passa na véspera da festa.
- **Seder**: a ceia ritual de Pessach, com alimentos simbólicos. À mesa, a história da libertação passa de uma geração à outra.

Palavra da idealizadora

Texto escrito para o programa de estreia, em 2024. Trechos.

– Essa história dá uma peça! – Vamos fazer?

Aquela conversa vibrante com William Jedwab, lá no distante 2021, foi o ponto de partida, o primeiro "sim" para este projeto teatral que realizamos agora. [...]

Teatro é uma arte que não se faz sozinha e floresce apenas no coletivo. [...]

A trama, baseada na história real da família Jedwab, foi habilmente entrelaçada pela dramaturga Nanna de Castro, a primeira a embarcar neste projeto. Ela transformou uma experiência devastadora em um enredo universal. Uma história que nos convida a espiar por uma porta aberta, a testemunhar uma família reunida em torno de suas memórias e sombras.

Fazer arte é sempre um risco. E são muitas pessoas pra agradecer e mencionar. Mas sem a produção de Marcela Horta, que topou a empreitada quando "tudo era mato", não

chegaríamos até aqui. E com a sensibilidade e condução de Kiko Marques estamos prontos para a travessia.

Com o abrir da cortina, convidamos vocês a se juntarem a nós em *O Vazio na Mala*. Aqui, entre o espetáculo e a plateia, acontece a magia do teatro, onde histórias se entrelaçam e tocam os corações.

Ser mãe, artista e produtora é abraçar o mistério de criar vida e arte. E é preciso uma aldeia. [...]

Dinah Feldman, idealizadora, atriz e coordenadora geral do projeto

Palavra da dramaturga

Texto escrito para o programa de estreia, em 2024. Trechos.

[...] Neste caso fui convidada pela atriz e produtora Dinah Feldman e por William Jedwab para o desafio de transformar em peça teatral a história da fuga de Kaethe Jedwab, seu marido e filho, do Holocausto nazista para a China. A primeira questão que me veio foi o fato de não carregar, eu mesma, uma história judaica e como eu poderia ser de alguma forma porta-voz de acontecimentos que são alheios à minha cultura. [...] Me perguntei como e onde o drama da família Jedwab me tocava pois, para escrever, preciso sentir uma orientação interna que me mova afetivamente.

Após ouvir a história original e conhecer o material de pesquisa fornecido por William, fiz a proposta de usar como foco central da narrativa as repercussões da fuga da família para Xangai na relação entre um pai e um filho muitas décadas depois. Me interessava muito olhar para este drama de um ponto de vista universal em que judeus e não judeus se enxergassem: o poder das relações familiares e as guerras que conseguem implantar dentro de nós.

Com a concordância de William de que seguíssemos este caminho, parti para uma viagem importante em entrevistas com familiares e amigos e também visitas e pesquisas nos arquivos do Centro de Memória do Museu Judaico, principalmente histórias similares de famílias que fizeram o mesmo caminho na fuga do nazismo. Fui ainda atrás de informações online, principalmente no Museu dos Refugiados Judeus de Xangai, onde se encontram registros importantes. [...] Um consultor querido foi Zuza Blanc, me ajudando com o tema do radioamadorismo, que é usado na história como uma metáfora da

importância vital da comunicação entre as pessoas e com nossos próprios fantasmas na solução dos conflitos.

Espero ter conseguido criar uma narrativa atual que nos lembre o quanto ainda persistem na vida humana contemporânea situações geradas pela intolerância e deficiência de empatia e a importância de acolhermos o outro e suas diferenças. Em algum momento da peça a personagem central nos adverte que a semente que gerou o nazismo ainda existe adormecida na sombra de cada ser humano e é fundamental olharmos para ela. Espero que este texto ajude nesta vigília.

Nanna de Castro, autora teatral e roteirista de cinema

Palavra do diretor

Texto escrito para o programa de estreia, em 2024. Trechos.

Penso cada vez mais que o teatro é e continuará sendo uma das formas mais necessárias de arte, do ser humano falar do ser humano, de encontrar-se consigo, com sua ancestralidade e com o porvir; de religar-se. [...]

Queríamos, acima de tudo, contar uma história. Uma história particular. A história de uma família: Esther Warshawski, seu filho Franz e seu neto Sami; e também de Ruth, cuidadora de Esther. Mas também queríamos contar a história de uma mala: espécie de cofre, prisão ou esquife onde Esther pretendeu trancar os fantasmas de um passado que explode os limites de qualquer mala em que se tente prendê-lo, que transforma sua história particular, essas vidas únicas, em milhões de vidas similares, vidas irmãs, frutos do mesmo vazio de humanidade, do mesmo horror.

História particular. História de todos nós. Uma vida importa.

Pra criar essa história, escrita há mais de dois anos, nossa equipe se debruçou por três meses, entre ensaios, discussões e criações das diversas áreas. Tudo pra que as inúmeras camadas do espetáculo se revelem quando as cortinas se abrirem, convidando você a visitar nossa peça, nossa história; e ao mesmo tempo ser parte dela com sua capacidade de entendimento, de criar conexões e seu olhar pro mundo que nos cerca.

Seguir em frente. Com os olhos no que veio antes. Que toda a gente seja bem-vinda! A casa é de vocês!

Kiko Marques, diretor

Outras vozes da criação

> *Sempre é deserto. / Sempre é travessia. / Da escravidão para a liberdade. / Do texto para o palco, do palco para a plateia. / Companheiros se reconhecem e se revelam na cadência dos passos dessa travessia. / Revelar é tirar de cada mala tudo que não é vazio. / Revelar é tirar o véu. / Aqui a guardiã da memória sintomaticamente está perdendo a própria.*
>
> Noemi Marinho · 2024

Gregory Slivar, sobre a música (programa de estreia, 2024; trechos):

A música e as sonoridades do espetáculo têm como proposta trabalhar no campo da memória das personagens. [...] Fiz um estudo acerca da forma musical denominada Nigun, que são cantos sem palavras, geralmente improvisados com algumas sílabas, mas que têm a intenção de evocar estados de espírito como lamentações, orações, lembranças ou alegrias vividas. Grande parte desses cantos foi recolhida de antologias e gravações históricas, como, por exemplo, dois nigunim advindos da região da Breslávia, mesmo lugar de onde migra a família de nossa história. [...] A trilha opera em um caminho entre o subjetivo destas personagens, suas buscas de um lugar de pertencimento, a fuga dos traumas e seus ritos de cura.

De Xangai ao Brasil

Em 1939, Wilhelm e Kaethe Jedwab saíram de Breslau, na Alemanha, com o filho Marcel, de um ano. Chegaram a Xangai em 8 de abril de 1939 e foram morar na Ward Road, 24/9, em Hongkou. Xangai não apenas deixou esta família sobreviver: acolheu-a.

A família atravessou a guerra em Xangai e viveu nove anos na cidade. Wilhelm morreu na China em 1948. Em 1949, Kaethe e Marcel partiram de Xangai rumo a Santos, no Brasil, pela Royal Interocean Lines. A mala viajou com eles.

Décadas depois, o neto William Jedwab, primo de Dinah Feldman, abriu a velha mala da avó Kaethe. Documentos em alemão e em chinês revelaram segredos que a família nunca tinha contado. Ele doou a mala e os documentos ao Museu Judaico de São Paulo. Dessa história nasceu *O Vazio na Mala*.

Hoje o nome Jedwab está no Muro dos Nomes do Museu dos Refugiados Judeus de Xangai. Em 21 de outubro de 2025, Dinah Feldman apresentou o projeto no museu, que

publicou a história em 28 de outubro de 2025.

Ficha técnica da produção original (SESI-SP, 2024)

Idealização e concepção	Dinah Feldman
Texto	Nanna de Castro
Direção	Kiko Marques
Assistente de direção	Matilde Mateus Menezes
Elenco	Dinah Feldman, Emílio de Mello, Fábio Herford, Noemi Marinho
Música e concepção sonora	Gregory Slivar
Desenho de luz	Wagner Pinto
Cenografia	Márcio Medina
Figurino	João Pimenta
Visagismo	Louise Helène
Direção de imagem e videomapping	André Grynwask, Pri Argoud (Um Cafofo)
Programação visual	Murilo Thaveira
Filmagem da peça	Bruno Favery / Favo Produções Cinematográficas
Fotos	João Caldas
Produção de luz	Carina Tavares
Assistentes de iluminação	Gabriel Greghi, Gabriela Cezario
Operação de luz	Gabriel Greghi
Operação de som	Edézio Aragão
Programa	Debora Barmak
Consultoria em chinês	Verona Iris, Escola Ni Hao
Consultoria em hebraico	Rachel Reichhardt

Consultoria em alemão	Wolfgang Gloeckner
Vozes/trilha sonora	Elis Feldman Harari Kouyate, Mário Sevílio, Polly Gutman
Cenotecnia	Sasso Campanaro
Costura do painel de fundo	Alessandro Vaz
Pintura de arte	Luisa Almeida
Equipe de pintura de arte	Ana Valim, Beatriz Souza, Carolina Carrasco, Victoria Elme
Aderecista	Lídia Yogui
Contrarregra	Guilherme Felipe
Camareira	Angela Lima
Coordenação de projeto	Dinah Feldman
Direção de produção	Marcela Horta
Realização	SESI-SP · Culturas em Movimento

Estreia em 21 de março de 2024, no Teatro do SESI-SP, em São Paulo. Samuel era vivido por Emílio de Mello; em 2025 o papel foi de Marcelo Várzea, e hoje é de Marcos Suchara.

Criação e elenco

Dinah Feldman · idealização, atuação e coordenação. Atriz, contadora de histórias, produtora cultural e arte-educadora, formada em Jornalismo pela PUC-SP. Fundou a Culturas em Movimento em 2005 e é descendente de refugiados judeus que viveram em Xangai.

Nanna de Castro · dramaturgia. Escritora, dramaturga e roteirista, formada em Artes Cênicas pela Fundação Clóvis Salgado e em Psicologia pela UFMG. Tem peças encenadas no Brasil e em Portugal. Por *O Vazio na Mala*, recebeu o Prêmio APCA e o Prêmio Bibi Ferreira de dramaturgia.

Kiko Marques · direção. Diretor, dramaturgo, ator e professor de teatro, formado pela Escola de Teatro Martins Penna (Rio de Janeiro) em 1988. Em 2003 fundou a Velha

Companhia, onde pesquisa a relação entre memória íntima, acontecimentos históricos e estruturas familiares. Entre seus trabalhos estão *Cais ou da Indiferença das Embarcações*, *Sínthia* e *Casa Submersa*.

Noemi Marinho · atriz. Atriz, dramaturga e autora, formada pela Escola de Arte Dramática da USP (EAD-USP). Começou a carreira nos anos 1970, no teatro, no cinema e na televisão. Por *O Vazio na Mala*, recebeu o Prêmio Bibi Ferreira de Melhor Atriz e foi indicada ao Prêmio Shell.

Fábio Herford · ator. Ator de teatro, cinema e televisão, profissional desde 1996, com mais de sessenta montagens. Trabalhou com diretores como Jô Soares, Celso Frateschi e Elias Andreatto, em peças como *Ricardo III* e *Tio Vânia*.

Marcos Suchara · ator. Ator, diretor e professor de teatro, com mais de 30 anos de carreira no teatro, no cinema e na televisão. Tem longa experiência em Shakespeare, com papéis como Laertes em *Hamlet* e Banquo em *Macbeth*.

Gregory Slivar · música original e desenho de som. Compositor, designer de som e músico, formado em Composição pela Unicamp e mestre em Música (Sonologia) pela USP. Em 2025 compôs e tocou ao vivo em Tóquio em *HINOTORI*, com direção de Hiroshi Koike.

Wagner Pinto · desenho de luz. Iluminador e diretor técnico de luz, em atividade desde os anos 1980 no teatro, na ópera, na dança, na música e em grandes eventos. Trabalhou com artistas como Gerald Thomas, Denise Weinberg e Daniela Thomas.

Márcio Medina · cenografia. Arquiteto, cenógrafo, figurinista e diretor de arte, em atividade desde 1976. Tornou-se colaborador do centro de pesquisa teatral de Pontedera, na Itália, ligado ao legado de Jerzy Grotowski. Representou o Brasil na Quadrienal de Praga.

André Grynwask e Pri Argoud · direção de imagem e videomapping. Artista multimídia, André Grynwask forma com Pri Argoud o coletivo Um Cafofo, que cria videomapping, projeções e instalações para teatro, dança e exposições.

João Pimenta · figurino. Estilista de moda autoral. Para *O Vazio na Mala*, criou figurinos em tons de cinza, com cortes modernos e detalhes vintage e barrocos.

Marcela Horta · produção executiva. Produtora cultural e diretora de produção desde 2012, em teatro, música, audiovisual e turnês. Trabalhou com Kiko Marques, Helena Ignez, Ulysses Cruz, Clara Carvalho e Denise Weinberg.

Trajetória e prêmios

Estreia em 21 de março de 2024 no Teatro do SESI-SP, em São Paulo, em produção original do SESI-SP. Selecionada para o Festival 2024 em Cena.

Apresentações	102
Espectadores	mais de 40 mil
Cidades	7 (seis numa mesma rede de teatros)
Prêmios	6, e uma indicação ao Prêmio Shell

- **Prêmio Bibi Ferreira** (3): Melhor Peça · Melhor Dramaturgia Original (Nanna de Castro) · Melhor Atriz (Noemi Marinho)
- **Prêmio APCA**: Dramaturgia (Nanna de Castro)
- **Prêmio CENYM** (2): Qualidade Artística · Cenário
- **Prêmio Shell**, indicação: Melhor Atriz (Noemi Marinho)

> *O Vazio na Mala alcança um resultado tão bem-sucedido por conta de um elenco capaz de redimensionar a proposta.*
>
> Dirceu Alves Jr. · InfoTeatro

Disponível para turnê internacional: equipe de dez pessoas, com quatro atores em cena.

Contato

Programação e turnê	culturasemmovimento@gmail.com
Dinah Feldman (WhatsApp)	+55 11 99144-6957
Marcela Horta, produção executiva	+55 11 94154-1552
Site	culturasemmovimento.com

Culturas em Movimento · São Paulo, Brasil